

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 1 • N.º 2 • OUTUBRO 92

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*

J. Ma. Ga. GOMEZ-HERAS - *La Naturaleza Reanimada - Del Desencantamiento del Mundo en la Racionalidad tecnológica al Reencantamiento de la Vida en la Utopia ecológica*

AMÂNDIO A. COXITO - *Ainda o Problema da Filosofia Portuguesa - Recordando Joaquim de Carvalho, no Centenário do seu Nascimento*

FRANCISCO V. JORDÃO - *Joaquim de Carvalho e Espinosa - O Acordo de Intenções no Campo político-religioso*

JOAQUIM NEVES VICENTE - *Subsídios para uma Didáctica Comunicacional no Ensino-Aprendizagem da Filosofia*

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO - *Noção, Medição e Possibilidade do Vácuo segundo Henrique de Gand*

o autor revelando-nos, deste modo, a dimensão eminentemente histórica e mediata de toda a experiência humana.

A ordem das significações, integra a própria ordem da vida, é mesmo a sua real condição — tal é a descoberta fundamental de Dilthey que o obriga a elaborar uma teoria das concepções ou linguagens do mundo, que procure respeitar a sua inevitável historicidade.

Luísa Portocarrero F. Silva

SIMON, Josef: *Filosofia da Linguagem*. Trad. de A. Morão. Lisboa, Ed. 70, 1990, 244 pp.

Publicada em 1981, a obra *Filosofia da Linguagem* de J. Simon surge finalmente entre nós, numa tradução de Artur Morão.

Neste texto interessante o autor analisa a inegável importância da linguagem no pensamento contemporâneo, em ordem a poder situar a tarefa concreta de uma filosofia da linguagem.

Se, de facto, a linguagem ocupou, desde cedo, a cena filosófica - como o atestam o diálogo *Crátilo* de Platão e a importante determinação aristotélica da linguagem como logos semântico, dotado de um triplice carácter, pragmático (ou retórico), poético e apofântico - nem sempre os filósofos deram muita atenção aos problemas implicados na mediação linguística do seu pensamento, considerando-a, em regra, como puro acidente ou roupagem exterior. É, no entanto, já desde a crise nominalista dos universais e sua crítica ao conceito realista de linguagem que se prepara, no contexto da tradição filosófica ocidental, todo um movimento de ordem marcadamente epistemológica, cujo resultado foi a conversão linguística do filosofar iniciada por W. von Humboldt nos finais do séc. XIX.

Com efeito, ao pôr em causa a pretensão directa de todos os nossos enunciados predicativos, o movimento nominalista abre caminho a uma forte tendência para a desvalorização da linguagem natural, que acaba por ter como contrapartida necessária a posição transcendental do sujeito moderno. O divórcio entre pensamento puro e linguagem natural consuma-se de um modo tal com a viragem transcendental da filosofia moderna que a questão da verdade - a questão filosófica por excelência - passa então a exigir uma fundamentação extralinguística dos nossos enunciados. Só a referência dos conceitos universais à experiência (elevada a verdadeira instância de fundamentação) (34) permite agora decidir da verdade ou não verdade dos nossos juízos. Mas a própria noção de experiência - o novo modelo de referência - é, como nos alerta já Kant, uma noção complexa, pois sem os conceitos que a ordenam (51) toda a observação humana é puramente caótica. O pensamento humano, os seus conceitos não têm um significado em si geral, nem tão pouco derivam simplesmente da experiência. São por referência à experiência, que ordenam e que, por sua vez, nada é sem eles. Tal foi o ensinamento fundamental da filosofia transcendental de Kant. Mas, Kant, diz-nos a este propósito J. Simon (45), parte ainda de um entendimento arquetípico, cujo pensar é plenamente adequado, isto é, pressupõe a identidade do sujeito na sua referência às formas com que pensa, ideia que mais tarde será radicalmente contestada. Na verdade, o advento, no séc. XIX, da problemática das ciências humanas e toda a questão da sua radical linguisticidade e historicidade, vai fazer-nos tomar consciência de que o pensamento humano tem uma consistência linguística finita; de que nada existe onde falta a palavra

e de que toda a linguagem é uma visão específica do mundo que "sobressai como um comportamento interindividual"(79). A partir de W. von Humboldt e de toda a revisão da autocompreensão filosófica ocidental proporcionada pela problemática da finitude e historicidade do existir humano, criam-se, pois, as condições que obrigam a Filosofia a pensar, antes de mais, a sua mediação linguística.

Grande parte do filosofar do nosso tempo considera mesmo que uma teoria dos signos (e da sua radical intersubjectividade) deve preceder a antiga teoria das coisas, concedendo assim à filosofia da linguagem o lugar outrora ocupado pela própria Metafísica ou filosofia primeira. A filosofia da linguagem é, hoje, uma disciplina fundamental, que reorganiza o filosoficamente pensável, não devendo, pois, confundir-se com a mera análise linguística, desenvolvida com êxito e pertinência neste século, a partir de F. Saussure. Reflete sobre a linguagem não para a tratar como um qualquer objecto particular mas para, a partir dela, reinterpretar o nosso próprio modo de ser e pensar, na sua eterna referência ao ser das coisas. Nem o conhecimento puramente conceptual, nem o conhecimento puramente empírico ou sensista são, hoje, hipóteses possíveis. Para o homem não existe de facto uma relação directa e imediata com o mundo e com os outros homens. A descoberta da finitude e historicidade do existir mostrou-nos, justamente, que a nossa relação ao mundo não é de posse, espelhamento ou coincidência, mas sim de referência, interpretação ou simbolização. Por isso, é hoje impossível sustentar um discurso inequívoco sobre a referência. É o poder hermenêutico-intersubjectivo da própria linguagem humana o objecto fundamental de uma filosofia da linguagem que apresenta assim um escopo simultaneamente ontológico, ético e gnosiológico.

Lúsa Portocarrero F. Silva

BOAVIDA, João: *Filosofia - do Ser e do Ensinar*, Coimbra, Centro de Psicopedagogia (I.N.I.C.), 1991, 540 + XIV páginas.

O livro é constituído por quatro partes, distintas mas inter-relacionadas, que vamos tentar resumir com vista à compreensão da obra.

A primeira ("Análise dos condicionalismos gerais postos pela Filosofia como domínio específico") procura compreender não só as condições gerais do pensamento filosófico como o seu "modus faciendi". Apesar da variedade quase ilimitada das suas manifestações, poderá resumir-se a uma necessidade de entendimento e a uma exigência racional quanto aos factores que o desencadeiam, a dois tipos de actividade intelectual, quanto ao modo da actuação predominante (a análise e a síntese), e a duas formas de concretização essenciais (o processo e o sistema).

A segunda ("A adolescência como transformação e especificidade") procura justificar o carácter particular do comportamento e do pensamento adolescentes, com o intuito de compreender melhor o que se pretende ao nível do ensino/aprendizagem da Filosofia. Apesar do carácter em grande parte cultural da chamada crise da adolescência, o livro procura demonstrar que há efectivamente uma especificidade psico-afectiva e intelectual que se coaduna muito bem com o tipo de actividade que a Filosofia predominantemente exige. Ou seja, o livro pretende demonstrar que os alunos do ensino secundário têm em geral boas condições para a aprendizagem e para a actividade filosófica, e que a razão para a sua desmotivação frequente terá que encontrar-se em razões de natureza pedagógica e psicológica e não no âmbito da Filosofia propriamente dita.